

Diálogos entre dois programas de mentoria de pares em tempos de ensino remoto: desafios e possibilidades para cursos das ciências da saúde

*Mariana André Honorato FRANZOI¹
Roberta Vasconcelos LEITE²*

Resumo

Objetivamos analisar percepções de estudantes da área da saúde sobre programas virtuais de mentoria entre pares (PVMP) implementados em duas universidades públicas brasileiras na pandemia de COVID-19. Os PVMP foram implementados em um curso de enfermagem no centro-oeste e um curso de medicina no sudeste. Respostas a questionários online ao final das edições dos programas foram submetidas à análise temática. A mentoria possibilitou aos estudantes de ambos os programas sentirem-se conectados à universidade, acolhidos, confiantes, além de propiciar autoconhecimento, crescimento pessoal e acadêmico e redimensionar dificuldades do ensino remoto. Apesar de diferenças significativas nas metodologias e limites de cada PVMP, expressões de gratidão e pedidos de continuidade pelos estudantes foram consensuais. Conclui-se que ambos os programas foram estratégias significativas para favorecer adaptação e aprendizagem nos cursos da saúde no ensino remoto, principalmente por possibilitarem a reconstrução e manutenção dos vínculos, fundamentais na experiência universitária em tempos comuns ou pandêmicos.

Palavras-chave: Ensino superior. Educação virtual. Grupo de pares.

¹ Enfermeira, mestre e doutora em Enfermagem pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6877-4753>. E-mail: marianafranzoi@unb.br

² Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Faculdade de Medicina de Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3110-0509>. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br

Dialogues between two peer mentoring programs in remote education times: challenges and possibilities for health science courses

*Mariana André Honorato FRANZOI
Roberta Vasconcelos LEITE*

Abstract

We aimed to analyze health care students' perceptions of virtual peer mentoring programs (VPMP) implemented at two public Brazilian universities in the COVID-19 pandemic. The VPMPs were implemented in a nursing course in the midwest and a medical course in the southeast. Responses to online questionnaires at the end of the program editions were subjected to thematic analysis. Mentoring allowed the students from both programs to feel connected to the university, welcomed, confident, in addition to providing self-knowledge, personal and academic growth and re-dimensioning difficulties of remote teaching. Despite significant differences in the methodologies and limits of each VPMP, expressions of gratitude and requests for continuity by the students were consensual. We conclude that both programs were significant strategies to promote adaptation and learning in health courses in remote teaching, mainly by allowing the reconstruction and maintenance of bonds, fundamental in the university experience in common or pandemic times.

Keywords: University education. Virtual education. Peer group.

Diálogos entre dos programas de tutoría entre pares en tiempos de educación remota: desafíos y posibilidades para los cursos de ciencias de la salud

Mariana André Honorato FRANZOI
Roberta Vasconcelos LEITE

Resumen

Nuestro objetivo fue analizar las percepciones de los estudiantes de salud sobre programas de tutoría virtual entre pares (PTVP) implementados en dos universidades públicas brasileñas en la pandemia de COVID-19. Los PTVP se implementaron en un curso de enfermería en el medio oeste y un curso de medicina en el sureste. Se sometieron a análisis temático las respuestas a los cuestionarios en línea al final de las ediciones del programa. La tutoría permitió que los estudiantes de ambos programas se sintieron conectados con la universidad, acogidos, confiados, además de brindarles autoconocimiento, crecimiento personal y académico y redimensionamiento de las dificultades de la educación virtual. A pesar de las diferencias significativas en las metodologías y los límites de cada PTVP, las expresiones de agradecimiento y las solicitudes de continuidad por parte de los estudiantes fueron consensuadas. Se concluye que ambos programas fueron estrategias significativas para favorecer la adaptación y el aprendizaje en los cursos de salud en educación remota, principalmente porque posibilitan la reconstrucción y mantenimiento de vínculos, fundamentales en la experiencia universitaria en tiempos comunes o pandémicos.

Palabras clave: Enseñanza superior. Educación virtual. Grupo de pares.

Introdução

Na pandemia de COVID-19, a suspensão de aulas presenciais desafiou o ensino superior, especialmente os cursos das ciências da saúde que privilegiam a aprendizagem em cenários de prática. Ao autorizar a substituição por aulas em meios digitais, a legislação federal respeitou a autonomia universitária, por isso cada instituição discutiu internamente quando e como interromper a suspensão dos calendários acadêmicos, além de se e como retomar as aulas práticas (presencial e/ou virtualmente), observando as normativas municipais e estaduais.

Esse cenário resultou em uma enorme diversidade de respostas por parte das instituições de ensino superior. Em algumas, o debate sobre como formatar o ensino remoto emergencial se estendeu por meses, enquanto outras se empenharam para rapidamente substituir todas as atividades presenciais por aulas à distância ao criar estratégias de ensino virtuais e viabilizar a aprendizagem de habilidades relacionais (BASTOS et al., 2020).

Dentre os cursos de saúde, alguns decidiram realizar aulas presenciais somente após o controle da pandemia, enquanto outros, refletindo sobre a responsabilidade social de participar da atenção à saúde da população, buscaram autorização dos municípios para retomar rapidamente as práticas e estágios, sem descuidar das demandas de biossegurança (ALVIM et al., 2020).

Em meio às desigualdades institucionais e regionais, além das particularidades inerentes a cada curso, a mentoria emergiu como uma estratégia propícia para fomentar virtualmente a integração acadêmica e social de universitários nesse momento pandêmico marcado por sentimentos de ansiedade, medo e solidão (MARTINS et al., 2021).

Segundo Bellodi (2021), a mentoria, em essência, se faz com um iniciante (o mentorado), uma jornada para um novo lugar, um viajante experiente (o mentor) e a troca/caminhada. A partir de uma relação de colaboração, mentor e mentorado aprendem um com o outro, aprendem sobre si mesmos e aprendem mais sobre o caminho, seja o já feito pelo mentor, ou o a se fazer pelo mentorado.

A *Odisseia* de Homero é uma obra clássica, onde encontramos a origem da mentoria a partir da relação arquetípica entre um velho sábio, Mentor, que ofereceu orientação prática e inspirou coragem à jornada do jovem Telêmaco que estava em busca do seu pai, o rei Odisseu (BELLODI, 2021).

A mentoria, portanto, consiste em uma relação de ajuda em que alguém experiente e empático (o mentor) parte de suas experiências e conhecimentos para orientar e estimular o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional de um iniciante, o mentorado (BELLODI; MARTINS, 2005).

Dentre as diferentes modalidades de mentoria, o *peer-mentoring* ou mentoria de pares tem sido cada vez mais adotado na educação em saúde, especialmente na formação acadêmica, onde estudantes experientes e iniciantes compartilham saberes, vivências e sentimentos relacionados à jornada universitária e profissional a partir de uma relação horizontal, envolvendo menos julgamentos e competição e mais colaboração e solidariedade (SOUZA; REATO; BELLODI, 2020; SILVA et al., 2021).

Um recente estudo de revisão integrativa de artigos brasileiros sobre mentoria em saúde documenta como essa estratégia contribui para a constituição de relações de cuidado e humanização, nas quais a construção da relação mentor-mentorado pode promover o desenvolvimento integral dos estudantes (COSTA et al., 2021). Também a revisão de pesquisas especialmente dedicadas à mentoria de pares têm evidenciado benefícios como eficácia na adaptação ao ensino superior, promoção de saúde mental e bem-estar, além de melhor desempenho acadêmico (CARRAGHER; MCGAUGHEY, 2016).

Com a eclosão da pandemia de COVID-19 e a necessidade de distanciamento social, grande parte dos programas de mentoria foram convertidos para a modalidade virtual (SOARES et al., 2021), e muitos outros surgiram já neste formato (MARTINS et al., 2021). Essa estratégia, também conhecida como *e-mentoring*, caracteriza-se pelo suporte das comunicações eletrônicas para desenvolver relacionamentos de mentoria independentemente da geografia (ROWLAND, 2012).

Embora já existente desde o início do século XXI, ainda não há expressiva quantidade de pesquisas sobre essa modalidade de mentoria e uma revisão literatura de publicações de 2009 a 2019 encontrou apenas 33 artigos (TINOCO-GIRALDO et al., 2020). Os autores afirmam que faltam evidências das características de um processo de *e-mentoring* eficaz, indicando como recurso ainda pouco explorado a inclusão de recém-formados como mentores nos programas de *e-mentoring* das universidades.

O presente artigo tem como objetivo analisar percepções de estudantes sobre programas virtuais de mentoria entre pares (PVMP) implementados em duas universidades públicas brasileiras durante a pandemia de COVID-19, de modo a identificar contribuições e limites dessa estratégia no contexto do ensino remoto na área de ciências da saúde.

Metodologia

Trata-se de estudo descritivo e qualitativo que envolveu dados secundários de pesquisas independentes em andamento sobre os programas virtuais de mentoria entre pares (PVMP) do curso

de enfermagem da Universidade de Brasília (UnB) e do curso de medicina – campus Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Ambas pesquisas foram submetidas e aprovadas nos Comitês de Ética em Pesquisa das respectivas instituições, a saber: CAAE 20292819.3.0000.0030 (pesquisa do PVMP da UnB) e CAAE 47624621.9.0000.5108 (pesquisa do PVMP da UFVJM). Ressalta-se que foram observados todos os aspectos éticos previstos na Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

Os dados foram extraídos de depoimentos de estudantes sobre as contribuições da mentoria para o desenvolvimento acadêmico e pessoal em ambos os programas. Tais depoimentos foram coletados por meio de questões abertas em formulários *online* ao final de cada edição dos PVMP, as quais versavam sobre percepções individuais sobre as contribuições da participação na mentoria para o desenvolvimento acadêmico e pessoal, além de sugestões para o aperfeiçoamento dos programas.

A opção pela metodologia de análise qualitativa de depoimentos tem se mostrado rica para apreensão de vivências, sentimentos e percepções dos estudantes na mentoria (MARTINS; BELLODI, 2016). Dessa forma, os dados sobre os PVMP das duas instituições foram submetidos à análise temática na proposição de Bardin (2016), atendendo as etapas de pré-análise, exploração do material e categorização de temas emergentes das respostas das participantes, considerando diferenças e semelhanças. Deste procedimento, emergiram duas categorias: consonâncias e dissonâncias.

Destaca-se que este estudo está fundamentado no Interacionismo Simbólico e, portanto, baseado em três premissas: (1) o ser humano age em relação ao mundo com base nos significados que este lhe oferece; (2) os significados são derivados da interação social estabelecida com seus semelhantes; e (3) os significados podem ser modificados pela pessoa através de processos interpretativos ao se relacionar e interagir com tudo o que compõe o mundo ao seu redor (BLUMER, 1986).

Portanto, é importante dizer que identificar as percepções dos estudantes sobre os PVMP implica em reconhecer seu papel ativo na interpretação e transformação dos significados que lhe são oferecidos nas interações sociais, de modo que para melhor compreender tais percepções faz-se necessário apresentar o histórico de criação e as principais características de cada PVMP. Após essa contextualização, as referidas categorias serão apresentadas, exemplificadas com trechos de depoimentos e debatidas à luz da produção científica recente sobre mentoria entre pares.

PVMP da UnB: Mentoria na transição para a vida universitária

O PVMP da UnB foi criado no ano de 2017 com o objetivo de favorecer a transição de estudantes de enfermagem para a vida acadêmica por meio da integração e apoio entre pares, além de oportunizar o desenvolvimento de habilidades e de competências técnico-científicas e relacionais durante a jornada universitária.

O projeto conta com a participação de estudantes com pelo menos um ano de experiência no curso de enfermagem e/ou na universidade, que atuam como mentores dos alunos recém-chegados na UnB, os calouros, ou mesmo de estudantes que estão há mais tempo no curso e desejam auxílio e apoio em sua caminhada acadêmica.

Ao longo do anos, o Programa tem contribuído para potencializar a integração acadêmica e social a partir de relações dialógicas, solidárias e humanizadas, além de proporcionar maior engajamento com o curso, apoio e planejamento nas atividades acadêmicas, desenvolvimento de *soft skills*, conhecimentos sobre a universidade e a enfermagem com amplas perspectivas para o futuro profissional dos estudantes (FRANZOI; MARTINS, 2020).

Com edições semestrais e sob coordenação de uma docente, o Programa conta com sessões de mentoria entre pares, supervisão de mentores, encontros temáticos semanais e eventos em geral. Diante da pandemia de Covid-19, desde o primeiro semestre de 2020, todas atividades tornaram-se exclusivamente *online*.

As sessões de mentoria foram realizadas entre pares e/ou grupos de mentores com seus respectivos mentorados em plataforma de *mentoring* personalizada e gamificada lançada em abril de 2020. Nessas sessões, os pares reuniram-se de acordo suas demandas e compartilharam desafios da transição para a universidade no ensino remoto, assuntos da vida acadêmica e pessoal.

O sistema gamificado foi estruturado a partir de uma narrativa “A Odisséia do Estudante Universitário”, inspirada no poema de Homero (2002), baseado em ações de relacionamento e cooperação.

Quanto mais os estudantes se envolviam no processo de mentoria por meio de reuniões de pares, elaboração de contrato de mentoria e declaração de missão, interação com outros usuários, participação em *webinars* com enfermeiros convidados, entre outras ações, mais pontos ganhavam. Ao atingir determinadas pontuações, os alunos receberam selos virtuais (medalhas) que representavam sua evolução e envolvimento com a mentoria. Para aumentar o entretenimento, criaram-se também alguns desafios, missões e tarefas que geraram recompensas extras - não apenas pontos, mas prêmios como livros, chaveiros e blocos personalizados .

A supervisão de mentores ocorreu a partir de encontros pontuais conduzidos pela coordenadora do programa para acolher, acompanhar e oferecer suporte aos estudantes diante de impasses e desafios enfrentados nas relações de mentoria.

Nos encontros temáticos, todos os estudantes encontraram-se semanalmente por meio da plataforma *Zoom* para dialogar sobre temas de interesse geral definidos coletivamente no início de cada semestre.

Os encontros que abordavam assuntos sobre vida acadêmica foram conduzidos pelos mentores e mentorados que têm experiência e/ou conhecimento a respeito de algum tema, a saber: iniciação científica, assistência estudantil, estágio extracurricular, entre outros. Por sua vez, os encontros sobre vida profissional contaram com a participação de enfermeiros e enfermeiras convidadas, principalmente egressos do curso, que abordaram a experiência de “ser enfermeiro(a)” em diferentes áreas de atuação.

Os encontros temáticos, especialmente com enfermeiros, ainda que únicos e específicos, não deixaram de ser uma sessão de mentoria ampliada em grupo. Pode-se dizer que uma adaptação do tipo de *mentoring* “*one shot*”, ou seja, uma sessão exclusiva e pontual em que o mentor apoia mentorados em um assunto específico, sem qualquer relação prévia ou posterior (PENIN; CATALÃO, 2018).

Já os eventos compreenderam *webinars* especiais com convidados, participação em eventos *online* nacionais e internacionais sobre mentoria e também confraternizações próprias e adaptadas ao meio virtual entre os estudantes, a exemplo da oficina de culinária, do piquenique mediado por telas e do Evento de Gratidão - uma roda de conversa *online* voltada para a avaliação do programa de mentoria e celebração do fim do semestre, realizado ao final das edições.

Para fins do presente estudo, foram considerados apenas os dados referentes à edição do primeiro semestre de 2021, que contou com 60 pares, sendo 26 mentores de diferentes períodos e 60 mentorados predominantemente calouros.

Ressalta-se que naquela altura, a maioria dos estudantes estava cursando virtualmente apenas disciplinas teóricas e/ou participando de forma *online* de atividades acadêmicas como ligas acadêmicas e iniciação científica, pois as disciplinas práticas ainda estavam suspensas por conta da pandemia. Alguns mentores e mentorados, por sua vez, tiveram a mentoria como atividade acadêmica exclusiva naquele semestre, sendo esta o único vínculo que mantiveram com a universidade em tempos pandêmicos.

PVMP da UFVJM: Mentoria nas transições para o ciclo clínico e para o internato

Na Faculdade de Medicina de Diamantina - FAMED da UFVJM, a (re)configuração das atividades acadêmicas no contexto pandêmico resultou numa situação particularmente desafiadora para os estudantes do oitavo período do curso, pois a Portaria MEC 345/2020 (BRASIL, 2020) instituiu que “especificamente para o curso de Medicina, fica autorizada a substituição (...) apenas às disciplinas teóricas-cognitivas do primeiro ao quarto ano do curso”. As portarias subsequentes que atualizaram a regulamentação do ensino remoto nas universidades mantiveram este inciso, o que significou que todos os discentes de medicina só puderam progredir em sua formação acadêmica (composta por disciplinas práticas obrigatórias desde os primeiros períodos do curso), quando foram autorizadas atividades presenciais em seus Estados, municípios e instituições de ensino.

Na medicina, o quinto e o sexto anos são constituídos pelos internatos - estágios obrigatórios integralmente práticos, os quais em geral foram autorizados e estimulados a serem retomados mais rapidamente (CASTRO; SALES, 2021).

Diante desse contexto, os internatos (nono a décimo segundo períodos) da FAMED retornaram no segundo semestre de 2020, porém não havia segurança sobre quando as demais atividades práticas seriam autorizadas pelo município. Os alunos do oitavo, que tinham apenas um semestre a cumprir antes da transição para o internato, viviam a tensão de ver colegas do nono período progredirem no curso enquanto crescia a inquietação sobre os prejuízos à própria formação em virtude de estarem há tanto tempo afastados das práticas ambulatoriais.

Como uma tentativa de transformar esse cenário e contribuir para a formação dos estudantes, em fevereiro de 2021, 2 professores da FAMED e 7 alunos da referida turma criaram um Programa Virtual de Mentoria entre Pares. O projeto foi construído coletivamente com vistas a oferecer aos discentes oportunidades de desenvolver e avaliar ações de mentoria, articulando os âmbitos do ensino, pesquisa e extensão. Além da aprendizagem mútua característica das experiências de mentoria entre pares, houve o cuidado de garantir a certificação institucional dessas atividades extracurriculares, pois elas são valorizadas nos editais de seleção de residências médicas.

Um aspecto inovador foi propor que estudantes do oitavo período fossem mentores de estudantes na transição do ciclo básico (dois primeiros anos) para o ciclo clínico (terceiro e quarto anos). Este é um momento particularmente desafiador do curso, pois embora os alunos estejam inseridos em unidades básicas de saúde desde o primeiro período, é somente no quinto que se iniciam os atendimentos ambulatoriais e, sob supervisão, eles conduzem entrevistas médicas com pacientes reais. Para tanto, no quarto período há extensa carga horária para treinamento em anamnese médica,

porém existiam críticas quanto à artificialidade dessa atividade ser realizada exclusivamente por meio de dramatizações entre colegas (MELILLO et al., 2021). Algumas ações já estavam em curso com vistas a tornar mais realista esta aprendizagem, porém, elas tiveram que ser interrompidas em virtude da pandemia. No início de 2021, com o ensino exclusivamente remoto, o treinamento de anamnese se mostrava ainda mais comprometido.

Por todas essas razões, a equipe do projeto organizou a I Jornada de Mentoria entre Pares da FAMED, na qual 17 mentores do oitavo período e 40 mentorados do quarto, divididos em 8 grupos, encontraram-se ao longo de 4 semanas por meio da plataforma Google Meet. A I Jornada foi precedida por um encontro de formação dos mentores num evento aberto, com participação de membros externos à instituição. Nas semanas seguintes, os grupos se reuniam por 2 horas para trocar experiências sobre a transição do ciclo básico para o clínico e realizar simulações de anamneses.

Inicialmente a dramatização acontecia entre os mentores e, posteriormente, os mentorados atuavam como médicos enquanto os mentores simulavam pacientes, ora reproduzindo os quadros mais comuns no atendimento ambulatorial, ora apresentando sinais e sintomas condizentes com as grandes síndromes clínicas que os mentorados estudavam à época. No último encontro, houve um momento final de reunião de todos os grupos com os docentes coordenadores do projeto, em que mentores e mentorados puderam avaliar a experiência (CHAGAS et al., 2021).

Um desdobramento inesperado da I Jornada foi que os mentores, após expressarem o próprio desejo de terem recebido mentoria na transição para o ciclo clínico, perceberam que ainda poderiam ser mentoreados durante a graduação, afinal encontravam-se às vésperas de outro momento desafiador: o início do internato.

Assim, a equipe do PVMP dedicou-se à organização da II Jornada, realizada em 4 encontros de 2 horas de duração cada, nos quais 20 estudantes do oitavo período foram divididos em 4 grupos e tiveram como mentores 8 estudantes do décimo primeiro período e 6 médicos recém egressos do curso. Além de trocas de experiências sobre os internatos, foram compartilhados desafios e aprendizados do início da carreira. Após o último encontro, foi promovido um evento aberto ao público com palestras e relatos de experiências (FERREIRA et al., 2021).

Diálogos entre os dois PVMP

Consonâncias

Os dois PVMP, ainda que com enfoques diferentes nas transições vivenciadas por universitários de cursos da saúde, apresentaram resultados semelhantes nesses tempos de ensino remoto. Em ambos os programas, a mentoria revelou-se como uma estratégia com grande potencial

para resgatar o entusiasmo, a satisfação e a (re)descoberta do curso e da universidade, tal como vem sendo documentando em pesquisas sobre programas de mentoria em geral (CARRAGHER; MCGAUGHEY, 2016; COSTA et al., 2021) e, em particular, aqueles desenvolvidos na pandemia (MARTINS et al., 2021).

Também favoreceu o engajamento com o próprio processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento de laços afetivos em um momento de desânimo e desgaste em que a tão sonhada universidade encontrava-se distante ou mesmo desconhecida para alguns. Seguem trechos de depoimentos que exemplificam essas compreensões:

A pandemia trouxe uma certa apatia frente à minha situação acadêmica. Poder falar sobre o futuro com os mentores fez com que reacendesse em mim a vontade de estudar e me capacitar para a prática médica. (Mentorada da UFVJM)

Esse semestre em específico foi mais difícil em relação ao anterior. Tive muita dificuldade para conciliar meu tempo com a faculdade e vida pessoal (...). Foi tudo tão intenso, angustiante, mas encontrei uma luz no fim do túnel nas atividades da faculdade, nos projetos, em especial na mentoria. É muito gratificante no final de um dia extremamente cansativo, sentar e participar de um encontro temático, com um enfermeiro de uma determinada área, conversar com os amigos, participar dos desafios da gameificação... (Mentorada da UnB)

Sem sombra de dúvidas foi um semestre muito desafiador, principalmente por tentar entender e me enquadrar nessa situação nova: entrar na faculdade sem ir para a faculdade. Achei que eu não iria conseguir criar laços ou mesmo me encontrar, mas me surpreendi com todas as possibilidades que me surgiram dentro da UnB e estar participando do projeto de mentoria teve um grande papel nessa minha busca pelo entendimento, pois consegui, através desse programa, descobrir inúmeras coisas que eu não fazia ideia de que haviam dentro da UnB. (Mentorada UnB)

Acordei com “aquele” ânimo para o encontro, falei: “mais uma aula”. Quase falei. Liguei o computador ainda na cama, não estava dando nada por aquilo. O pessoal chegou e se apresentou, eu me apresentei, pediram interação, pensei: “ah não”, fui interagindo aos poucos. De deitada, me sentei, e o encontro começou a ficar interessante, muito mais do que eu imaginava. Fui pra minha mesa, liguei a câmera e interagi. Parecia ter passado só 20 minutos e já era meio dia. Me surpreendeu, fiquei de boca aberta, e ansiosa para o próximo encontro. Mande mensagem para os amigos: “nossa, que maravilha!” E assim foi, o tanto que aprendi não está nos livros, essa troca de experiências foi tudo pra mim. (Mentorada da UFVJM)

Nessa troca de experiências e aprendizados entre pares, os mentores, ao lembrarem da própria trajetória, relataram que a mentoria possibilitou um mergulho em si mesmos, ampliando o autoconhecimento e reconhecendo o crescimento pessoal e acadêmico.

O autoconhecimento aumentou ao reanalisar minha própria trajetória pessoal. Falar sobre mim ajudou muito nesse processo. (Mentor da UFVJM)

A mentoria trouxe muitos benefícios. Acho que passei por um processo de aceitação muito grande a respeito de muitos medos e aflições minhas. Sinto que ainda devo melhorar bastante, mas pelo menos saí da estaca zero. (Mentora da UnB)

A mentoria me fez perceber como evolui ao longo do curso. Nós alunos somos

frequentemente invadidos por sentimentos de insegurança em relação a nossa formação, um sentimento que esquecemos todas as matérias, que não seremos capazes, o que é absolutamente normal. A mentoria veio justamente para me mostrar que amadureci muito ao longo do curso, e que o processo de construção do conhecimento é algo lento, que precisamos ter calma e mais confiança em nós mesmos. (Mentora da UFVJM)

Esses e outros depoimentos atestam como o resgate da autoestima e as reflexões sobre como atuar como mentores potencializou a própria formação para cuidar dos pacientes de forma qualificada e humana, um resultado que converge com a avaliação do projeto de mentoria virtual do curso de medicina da Unisinos relatado por Martins et al. (2021).

Um outra consonância foi a gratidão entre mentores e mentorados, sentimento que inundou os participantes de ambos os programas. Os estudantes não pouparam expressões de satisfação e agradecimento pelos momentos de trocas, aprendizados, reflexões e orientação que a mentoria lhes proporcionou, tal como documentado também por Souza, Reato e Bellodi (2020) ao analisarem a experiência do primeiro ano de atividade de um programa de mentoria de pares realizado numa escola médica brasileira.

Diante de tantos benefícios, a recomendação pela continuidade dos programas e indicação da experiência para outros colegas foram unânimes. Muitos mentorados inclusive manifestaram o desejo de contribuir na condição mentores em um futuro breve:

Gostei muito do projeto, tenho carinho e muita gratidão a todos envolvidos. Vou recomendar muito aos calouros. Espero voltar bem preparado como mentor em algum semestre futuro. (Mentorado da UnB)

Aprendi muito mais do que eu esperava, e sei que vai ser um conhecimento necessário para a minha prática médica. Agradeço demais aos mentores por todo o trabalho, vocês foram incríveis. Aguardo as próximas trocas. (Mentorada da UFVJM)

Adorei a oportunidade de ser mentora e gostaria muito que na época do meu quarto período tivesse ocorrido um projeto como esse. Foi notável e gratificante acompanhar a evolução dos mentorados. (Mentora da UFVJM).

Só tenho a agradecer pela oportunidade de poder participar de um projeto tão legal. Eu acho que todos os estudantes de ENF deveriam fazer parte desse projeto. É algo que agrega bastante e em muitas áreas, tanto da vida pessoal quanto da acadêmica. No meu caso, eu me questioneei mais sobre qual área da enfermagem eu gostaria de seguir (sendo que antes eu nem imaginava o quão abrangente a ENF poderia ser), qual tipo de enfermeiro eu quero ser, para qual lado eu quero ir, quais projetos eu quero desenvolver/participar nessa minha nova jornada. (Mentorada UnB)

Uma última consonância que merece destaque refere-se às reações dos estudantes à oportunidade de terem egressos do curso como mentores, ainda que em encontros únicos em alguns casos. Como sugerido pela revisão sobre o *e-mentoring* realizada por Tinoco-Giraldo et al. (2020), foi possível confirmar a potencialidade desse recurso, pois os mentorados atestaram satisfação em poder ouvir experiências de quem ingressou na carreira tendo recebido uma formação acadêmica semelhante à sua.

[Os mentores] estimulam a nossa autoconfiança e segurança diante do curso, e, logo, da vida. Ademais, os encontros me fizeram refletir sobre as responsabilidades e posturas de maior seriedade que assumiremos daqui pra frente, o que também está intimamente relacionado ao meu desenvolvimento pessoal. Foram repassadas ainda perspectivas realistas sobre a residência médica e o futuro, levando a reflexões sobre meus planos e objetivos pessoais. (Mentorada da UFVJM).

Só tenho pontos positivos para falar da mentoria. Um deles foi conhecer melhor minha futura profissão, saber suas áreas de atuação, conhecer histórias de profissionais, egressos da minha universidade, além de ter uma visão ampla do curso (...). (Mentorada da UnB)

Dissonâncias

O PVMP da UnB, por focar a transição para a vida universitária de maneira global e oferecer um suporte longitudinal aos calouros em prol de uma adaptação ao ensino superior, apresentou-se principalmente como uma mentoria de dimensão suportiva, que privilegia a criação de relacionamentos e laços de apoio entre mentor e mentorado com vistas ao crescimento e desenvolvimento emocional, social e acadêmico (RAGINS; KRAM, 2007; KARCHER et al., 2006).

Os estudantes acolheram-se e apoiaram-se emocionalmente, desenvolvendo laços de amizade permanentes – de certa forma, o suporte psicossocial entre pares mostrou-se mais importante para os estudantes que a orientação acadêmica nesse momento de ensino remoto:

Ter um mentor foi de suma importância nessa minha jornada inicial. Ele sempre se faz disponível quando preciso, me ajuda com meus surtos, com meus medos e me dá dicas muito valiosas. Sem dúvidas é uma experiência única! (Mentorada da UnB)

Acredito que a mentoria é um acolhimento! Me senti bastante acolhida pela minha mentoranda e acredito que eu tenha conseguido acolher ela também! (Mentora da UnB)

Sinto que fiz amigas e aprendi muito mais do que poderia ensinar. Elas [mentoradas] foram o meu conforto e fonte de riso nos dias difíceis. (Mentora da UnB)

A mentoria pode-se resumir em "encontro". Sei que já está meio repetitivo eu falar a mesma coisa toda hora, mas esse encontro, proporcionado para mim, por meio da mentoria, foi muito importante, pois eu consegui acalmar meus medos, conhecer novas pessoas, aprender um pouquinho mais sobre o que é a universidade e ter pelo menos o mínimo da universidade dentro da minha própria casa. (Mentorada da UnB)

Outros programas de mentoria destacaram também o suporte emocional para os alunos em um momento de tamanha incerteza, insegurança e desafios. Exemplo disso é o estudo de Soares et al. (2021) que descreveu as percepções de mentores e mentorados de medicina sobre a mentoria virtual na pandemia de Covid-19. Mesmo na ausência de olho no olho e de abraços afetuoso, os encontros de mentoria virtual foram considerados “incríveis” pelos estudantes, pois durante as reuniões fortaleceram a conexão humana ao compartilhar dores, angústias e medos sobre a aulas à distância.

Apesar da preponderância suportiva, a dimensão instrumental também fez-se presente e constante nas interações dos pares, uma vez que na natureza instrumental mentores orientam

mentorados na compreensão das normas e da cultura institucional, no conhecimento da estrutura e dinâmica do curso e na construção de um plano acadêmico; ajudam os mentorados a refletirem criticamente sobre objetivos para a vida acadêmica/profissional; além de apoiarem-nos na realização de aspirações acadêmicas/profissionais, encorajando-os e desafiando-os nas tomadas de decisão (NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING, AND MEDICINE, 2019). Os depoimentos a seguir exemplificam essa perspectiva:

Minha mentora além de se tornar minha amiga me ajudou bastante com as matérias e com a vida de universitária em si. (Mentorada da UnB)

Quando entrei na mentoria, eu buscava muitas informações sobre o funcionamento da UnB, pois sou uma aluna transferida, e não conhecia muito bem a nova faculdade. Eu queria saber sobre estágios, PIBIC, projetos de extensão, etc. E a mentora foi muito disposta em sanar minhas dúvidas, mesmo que ela não soubesse a resposta ela ia atrás de alguém que sabia e poderia ajudar. Isso me ajudou bastante. (Mentorada da UnB)

Ao longo da parceria de mentoria, conversamos sobre horas complementares, cursos e como construir um bom currículo durante a graduação. Dei dicas sobre algumas plataformas com cursos gratuitos e ajudei a montar o currículo lattes para que ele [mentorado] possa ir adicionando esses cursos. (Mentor da UnB)

Consegui esclarecer dúvidas acerca da vivência na UnB e da profissão em si, a ter um melhor direcionamento para o futuro na profissão e como conseguir aprender com a vida acadêmica. (Mentora da UnB)

Já o PVMP da UFVJM, especialmente em sua I Jornada, onde os encontros incluíram treinamento da anamnese médica, destacou-se como uma mentoria de dimensão predominantemente instrumental, que tem como foco principal o desenvolvimento de habilidades para a realização de objetivos acadêmicos específicos (KRAM, 1983; KARCHER et al., 2006). Essa configuração fomentou muitos depoimentos voltados à aprendizagem significativa propiciada pela mentoria:

Considero o aprendizado de condução de uma consulta uma das partes mais importantes de ser um médico e avalio que esse projeto conseguiu me deixar mais próximo disso, tirou minhas dúvidas e me deixou um pouco menos ansioso. (Mentorado da UFVJM)

A troca de experiências com alunos de períodos mais avançados no curso me possibilitou ter uma visão do que preciso estudar, complementar e me preparar para os períodos futuros. (Mentorada da UFVJM)

Os encontros da mentoria proporcionaram uma aproximação da realidade da relação médico-paciente de modo mais efetivo do que aqueles utilizados em aula, além das diversas contribuições com experiências pessoais relatadas pelos mentores. Assim, estes encontros possibilitaram uma ampliação da visão do processo de condução da anamnese, impactando positivamente no meu desenvolvimento acadêmico. (Mentorado da UFVJM)

Os encontros de mentoria impactaram positivamente no meu desenvolvimento acadêmico através do meu estudo/revisão dos temas abordados durante os encontros da mentoria, exigindo um maior discernimento e visão crítica de cada tópico, com o intuito de proporcionar aos mentorados uma abordagem inovadora, prática e proveitosa de cada tópico. E também, através do raciocínio clínico exigido para suprir demandas e dúvidas que eventualmente surgiram durante nossos encontros. (Mentora da UFVJM)

A escolha pelo enfoque instrumental teve como objetivo potencializar a participação dos mentorados, uma vez que – após um período inicial de grande busca por atividades extracurriculares quando o calendário acadêmico foi suspenso, tal como documentado por Rocha et al. (2021) – com a plena implementação do ensino remoto emergencial, a sobrecarga de atividades *online* tem desestimulado a adesão a quaisquer propostas que não sejam vinculadas às disciplinas do curso. A participação dos mentorados não foi obrigatória, mas a perspectiva de que a mentoria poderia enriquecer a aprendizagem da anamnese foi um diferencial para sua adesão. Além disso, pesquisas anteriores sobre programas de mentoria incluídos ao currículo trazem afirmações de muitos alunos que reconhecem que, de outra forma, sua participação não ocorreria (MARTINS; BELLODI, 2016).

Ainda que partindo de um planejamento com foco instrumental, a mentoria na UFVJM trouxe impactos psicoemocionais importantes. Os mentores revisaram técnicas e conhecimentos adquiridos em períodos anteriores e compartilharam-nos com seus mentorados, que ao terem a oportunidade de simular situações clínicas que motivavam insegurança e se depararem com habilidades técnicas limitadas comuns aos mentores que já tinham vivenciado a transição para o ciclo prático e/ou internato, desenvolveram maior autoconfiança e autoestima.

As histórias contadas pelos mentores me deixaram um pouco mais seguro, visto que eles nem sempre foram tão bons como são hoje, (...) o erro inicial é comum, o que me deixa um pouco menos preocupado em errar. (Mentorado da UFVJM)

[Os encontros] aliviaram a ansiedade e a melancolia que me atingiam com relação ao início do internato. Tenho certeza que esses sentimentos negativos estavam me prejudicando e iriam comprometer meu desenvolvimento na etapa que se aproxima. (Mentorada da UFVJM)

Ter a ideia que já posso ajudar alguém com o que sei me deixou mais confiante. (Mentor da UFVJM).

Poder acalmar os ânimos dos mentorados quanto às expectativas do ciclo clínico foi muito bom, criando em mim o sentimento de poder ajudar de alguma forma. (Mentora da UFVJM).

As limitações de cada um dos PVMP também se caracterizaram como dissonantes, pois os depoimentos dos estudantes de cada universidade apresentaram temáticas muito diferentes.

Um dos maiores desafios do programa da UnB, sem dúvida, foram as desigualdades na acessibilidade do mundo online. Ao passo que o ambiente virtual permitiu superar limitações temporais e geográficas, conferindo maior conforto e facilidade para os participantes, também limitou o contato entre alguns estudantes devido às iniquidades e às desigualdades sociais manifestas em relação à acessibilidade a dispositivos eletrônicos e à internet de qualidade.

Alcântara et al. (2021) também verificaram em seu estudo que dificuldades técnicas relacionadas à conexão com internet impediram a participação de alguns alunos de medicina vinculados a um programa de mentoria virtual, mas na visão dos autores, os aspectos positivos

superaram os limitadores. Garantir a equidade de acesso é essencial, sobretudo nesse momento de transição emergencial para o ensino remoto, em que alguns estudantes não conseguem acompanhar as atividades acadêmicas por falta de aparelhos ou acesso à internet e, quando dispõem de computadores e notebooks, muitas vezes esses são compartilhados com outros membros da família (APPENZELLER et al., 2020).

Um outro aspecto limitante foi a configuração do pareamento dos participantes. Desde o início, o programa tem sido desenvolvido na modalidade um-para-um, ou seja, um mentor para um mentorado, mas diante da oportunidade e facilidade de reunir várias pessoas ao mesmo tempo em ambiente virtual, os estudantes manifestaram preferência por reuniões em grupo – um mentor com seus diferentes mentorados.

Ambas as modalidades são válidas, uma vez que a configuração um-para-um propicia uma orientação exclusiva e personalizada, enquanto a mentoria em grupo oportuniza integração, colaboração e empatia entres os participantes, especialmente mentorados que trocam experiências e conhecimentos entre si, dando-se conta de que seus colegas vivenciam situações e desafios semelhantes, enfrentando-os a partir de estratégias diversas (COLLIER, 2015).

Ocorre que a plataforma virtual do programa foi projetada apenas para reuniões a dois, o que demandou modificações nesse espaço personalizado para viabilizar encontros grupais. Enquanto a nova modalidade de reunião estava sendo configurada na plataforma, os estudantes foram incentivados a realizar reuniões em grupo por meio de outros aplicativos. Tal situação interferiu temporariamente no sistema de pontos automatizados da gamificação, mas não no engajamento dos alunos que assumiram, de fato, o perfil de jogador socializador - priorizaram a interação com os demais participantes, sendo o game apenas um pretexto para interagir (MORADI et al., 2020).

Já a configuração grupal do PVMP da UFVJM ou a acessibilidade digital não foram apontadas como limitadores pelos participantes. A principal crítica foi quanto à curta duração de cada Jornada, pois os estudantes expressaram o desejo de maior tempo tanto para o treinamento das habilidades de comunicação médica, quanto para as trocas de experiências entre si. Essa percepção foi acompanhada por muitas sugestões de que o programa seja ampliado para outras disciplinas do curso, reforçando os muitos estudos que têm atestado a potencialidade da mentoria entre pares na educação em saúde graças às trocas de saberes de maneira horizontal e bidirecional (SILVA et al., 2021).

Assim como esta, as sugestões de inclusão do treinamento de outras habilidades médicas no PVMP da UFVJM, como o exame físico (o qual é inviável no formato virtual), são também indicativos de percepções dos estudantes sobre possíveis carências de sua formação acadêmica. Por essa razão, a experiência tem sido apresentada ao corpo docente buscando estimular análises e

mudanças no currículo do curso a fim de incluir atividades que aproximem estudantes de diferentes ciclos, promovendo a consolidação de aprendizagens, autoavaliação e experiências de transmissão de saberes (CHAGAS et al., 2021).

Considerações Finais

Conclui-se que ambos os programas têm sido estratégias significativas para favorecer a adaptação e a aprendizagem nos cursos da saúde no ensino remoto, principalmente por possibilitarem a reconstrução e manutenção dos vínculos, fundamentais na experiência universitária em tempos comuns ou pandêmicos.

Na percepção dos estudantes envolvidos nos dois programas, a mentoria possibilitou sentirem-se (re)conectados à universidade, acolhidos, confiantes, além de propiciar autoconhecimento e crescimento pessoal e acadêmico. Os participantes referiram que dificuldades do ensino remoto – como, por exemplo, o desânimo, cansaço e baixa autoestima – foram redimensionadas nas trocas com pares. Ademais, expressões de gratidão e pedidos de continuidade foram consensuais em ambos.

O PVMP da UnB diferenciou-se pelo suporte longitudinal aos calouros em ambiente virtual personalizado e gamificado, contribuindo na adaptação ao ensino superior com afeto, colaboração e ludicidade, tendo como limites as desigualdades na acessibilidade à internet e o pareamento um-para-um.

Já o PVMP da UFVJM destacou-se ao se dedicar a outros momentos de transição na graduação médica para fomentar virtualmente a aprendizagem de habilidades desenvolvidas tipicamente em cenários de prática. Os limites foram a curta duração de cada jornada e a impossibilidade de treinar algumas habilidades como exame físico.

Ao explicitar as dissonâncias entre os dois PVMP, este trabalho contribui para que cada programa aprofunde seus processos de autoavaliação e aperfeiçoamento, considerando as vantagens e desvantagens das metodologias adotadas por cada um e que sejam pertinentes para fomentar aprimoramentos nos programas.

Atesta-se a importância de que mais estudos sejam realizados sobre os programas de mentoria entre pares, incluindo-se pesquisas longitudinais, de modo a documentar as características que contribuem para a eficácia em termos de desenvolvimento acadêmico e pessoal dos envolvidos.

Em tempos de ensino remoto e mentoria virtual, espera-se que este trabalho possa se somar a muitos outros vindouros, os quais também se dediquem a detalhar contribuições, limites e futuros horizontes para programas de *e-mentoring* entre pares no ensino universitário das ciências da

saúde, sejam estes pontuais nesse momento pandêmico ou mesmo de duração permanente.

Referências

ALCÂNTARA, L. A. R. et al. Mentoria: vantagens e desafios da educação on-line durante a pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45 (sup. 1), e116, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210153>

ALVIM, C. G. et al. Cursos da Saúde: integração e responsabilidade social no enfrentamento da pandemia. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 10, p. 1–21, 2020. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24767>

APPENZELLER, S. et al. Novos tempos, novos desafios: estratégias para equidade de acesso ao ensino remoto emergencial. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. sup. 1, e0155, 2020. <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v44s1/1981-5271-rbem-44-s1- e155.pdf>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BASTOS, M. C. et al. Emergency remote teaching in nursing graduation: experience report during covid-19. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 24, e-1335, 2020. <https://doi.org/10.5935/1415.2762.20200072>

BELLODI, P. Cartas a um jovem mentor – aprendendo mentoria com os clássicos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, supl. 1, e120, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210142>

BELLODI, P.; MARTINS, M. A. **Tutoria**: mentoring na formação médica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BLUMER, H. **Symbolic interactionism**: perspective and method. Berkeley: University of California Press, 1986.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. GABINETE DO MINISTRO. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União, ed. 54-D, seção 1 - extra, Brasília, DF, p. 1, 19 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422?inherit>
Acesso em: 26 de outubro de 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2012.

CARRAGHER, J; MCGAUGHEY, J. The effectiveness of peer mentoring in promoting a positive transition to higher education for first-year undergraduate students: a mixed methods systematic review protocol. **Systematic reviews**, v. 5, n. 1, p. 1-9, 2016. <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0245-1>

CHAGAS, A. P. A. et al. Mentoria entre pares no treinamento da comunicação médica: a perspectiva dos mentores [resumo]. In: 59º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MÉDICA. **Anais...** Brasília: ABEM, 2021. p. 663. <https://doi.org/10.53692/Anais2021COBEM>

COLLIER, P. J. **Developing effective student peer mentoring programs: a practitioner's guide to program design, delivery, evaluation and training.** Sterling: Stylus, 2015.

COSTA, A. R. et al. Significados de mentoria na formação em saúde no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, supl. 1, e126, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210190>.

FERREIRA, A. C. O. et al. Mentoria entre pares na transição para o internato: relato de experiência em uma universidade pública [resumo]. In: 59º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MÉDICA. **Anais...** Brasília: ABEM, 2021. p. 489. <https://doi.org/10.53692/Anais2021COBEM>

FRANZOI; M. A. H.; MARTINS, G. Experiências de mentoring entre estudantes de graduação em enfermagem: reflexões e ressonâncias dialógicas. **Interface (Botucatu)**, v. 24, e190772, 2020. <https://doi.org/10.1590/interface.190772>

HOMERO. **Odisseia.** Tradução Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

KARCHER, M. J. et al. **Journal of community psychology**, v. 34, n. 6, p. 709-25, 2006. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jcop.20125> Acesso em: 16 de setembro 2021.

KOSOJO-LASAKI, O.; SONNINO, R. E.; VOYTKO, M. L. Mentoring for women and underrepresented minority faculty and students: experience at two institutions of higher education. **Journal of the National Medical Association**, v. 98, n. 9, p. 1449–1459, 2006.

KRAM, K. E. Phases of the mentor relationship. **The Academy of Management Journal**, v. 26, n. 4, p. 608-25, 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/255910> Acesso em: 16 de setembro 2021.

MARTINS, A. F.; BELLODI, P. L. Mentoring: uma vivência de humanização e desenvolvimento no curso médico. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 58, p. 715-726, 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0432>

MARTINS, P. M. D. et al. Mentoria entre pares na escola médica: uma estratégia colaborativa durante a pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, supl. 1, e118, 2021. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210143>

MELILLO, V. T. et al. Mentoria entre pares no treinamento da comunicação médica: a perspectiva dos mentorados [resumo]. In: 59º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MÉDICA. **Anais...** Brasília: ABEM, 2021. p. 887. <https://doi.org/10.53692/Anais2021COBEM>

MORADI, M. et al. Investigating the components of educational game design based on explorer player style: a systematic literature review. **Interdisciplinary Journal of Virtual Learning in Medical Sciences**, v. 11, n. 3, p. 139-52, 2020. <https://doi.org/10.30476/IJVLMS.2020.86988.1047>

NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING, AND MEDICINE. **Science of effective mentorship in STEMM.** Washington: The National Academies Press, 2019. Disponível

em: <https://www.nap.edu/catalog/25568/the-science-of-effective-mentorship-instemm> Acesso em: 16 de setembro 2021.

PENIN, A. T.; CATALÃO, J. A. **Ferramentas de mentoring**. Lisboa: Lidel, 2018.

RAGINS, B. R.; KRAM, K. The roots and meaning of mentoring. In: RAGINS, B. R.; KRAM, K. **The handbook of mentoring at work: theory, research, and practice**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007. p. 3-15.

ROCHA, E. K. et al. O ambiente acadêmico e adaptação de aulas ao meio virtual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM SAÚDE. 2021. **Anais...** Ijuí: Unijuí, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conintsau/article/view/19554>. Acesso em 26 de outubro de 2021.

ROWLAND, K. N. E-Mentoring: an innovative twist to traditional mentoring. **Journal of Technology Management & Innovation**, v. 7, n. 1, p. 228-237, 2012.
<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-27242012000100015>

SALES, J. R; CASTRO, D. B. Covid-19 e o aluno de medicina: qual a participação dos nossos internos? **Revista Brasileira de Educação Médica**, vol. 45, n. 3, p. e184, 2021.
<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.3-20200503>

SILVA, N. M. et al. Peer-mentoring na educação em saúde: quais as suas aplicações, limitações e estratégias para o sucesso? **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, e52101119343, 2021. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19343>

SOARES, M. V. et al. Mentoria virtual durante a pandemia de Covid-19: percepções de mentorandos e mentores. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, sup. 1, e109, 2021.
<https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210125>

SOUZA, M. G.; REATO, L. F. N.; BELLODI, P. L. Ressignificando a relação entre calouros e veteranos: mentoria de pares na visão de alunos mentores. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 4, e174, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200113>

TINOCO-GIRALDO, H. et al. E-mentoring in higher education: a structured literature review and implications for future research. **Sustainability**, v. 12, n. 11, p. 4344, 2020.
<https://doi.org/10.3390/su12114344>



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 14/01/2022
Aprovado em: 24/04/2022